

LEITOR AMIGO

Aí vai enfeixado neste volume, um punhado da minha oratória desalinhada.

Atendí, assim, a insistentes pedidos que me foram feitos e isso graças à nímia gentileza da conceituada LIVRARIA DO GLOBO.

Fôrça, porém, é confessar que, reunindo num livro alguns dos modestos discursos, por mim pronunciados, não me animou a pretensão absurda de fazer literatura ou de surgir em público como cultor das boas letras e nem a vaidosa concepção de que êsses discursos de aldeia mereçam, de fato, a acolhida da gente culta. Não, na publicação dêste volume eu consubstanciei tôda a minha gratidão à classe a que pertença, pelas inúmeras e repetidas demonstrações de amizade, de companheirismo, de solidariedade e de entusiasmo que eu dela tenho recebido, no transcurso da minha transitória investidura de operário-parlamentar.

Palavras de trabalhador e para trabalhadores, a mim não causa a menor espécie a forma com que a crítica receberá êste trabalho e envolverá o meu gesto. Seja, porém, qual fôr esta forma uma coisa não se me poderá negar: o meu desejo sincero de bem servir à minha classe e ao meu Brasil.

Se a crítica é o julgamento imparcial e sereno de uma produção, consagrando-a ou condenando-a, se criticar é envolver nas dobras de uma análise equilibrada, a obra do artista, do poeta, do orador, do escritor, do so-

ciólogo, numa palavra, daqueles que se apresentam em público, sobraçando qualquer dos ramos do saber humano, se a crítica, sinceramente encarada, é a arte de estudar os fatos e as coisas apontando-lhes os erros, para que se não reproduzam, ao contrário da sátira, que os ridiculariza, para que se despreze o autor, se a sinceridade da crítica força o crítico a julgar o objeto do seu exame tomando como ponto de partida as possibilidades e as dificuldades de estudo do autor, os seus desígnios vaidosos ou nobilitantes, a espontaneidade ou a obrigatoriedade da sua apresentação em público, o ambiente em que se formou a sua cultura, todos os elementos, em suma, com que lutou, até o momento em que a crítica o veio envolver, se a crítica é isso, eu vou arrancar da sua própria expressão a razão de ser da ousadia desta minha resolução, reunindo e lançando à publicidade aquilo que eu já tenho dito às multidões, com a alma na bôca e o cérebro no coração.

Filho de pais pobres, tendo minha mãe enviuvado quando ainda eu palmilhava o primeiro ano de existência, aos doze anos de idade fui forçado a ingressar numa oficina, em busca de recursos para auxílio da minha própria manutenção. Nesta época eu houvera passado por quatro escolas a saber; seis meses no tradicional "Colégio das Pagonnes" e seis meses no não menos tradicional "Colégio das Carlotinhas", aos quais, muito menos do que a idéia do A B C, me levou a minha condição de "levado da breca", (notando-se que eu não era dos piores). Um ano no Liceu Salesiano Leão XIII e outro ano como aluno externo na escola de Aprendizes de Marinheiros. Conclusão, um ano de sujeição e dois anos de estudo das primeiras letras, o qual interrompi afim-de aprender o ofício de mecânico.

Como a esmerilhar a aspereza de uma vida começada e desenvolvida entre trabalhos e privações, os meus primeiros anos de oficina se caracterizaram pela continuidade daquele "levado da breca" que justificou o meu

primeiro ano de escola. Aí, na oficina, entre os outros aprendizes eu liderava sempre os movimentos em prol da “brinquedologia” e sem alcançar o sentido das minhas palavras, sem um desenvolvimento completo da razão, sem saber mesmo o que dizia eu improvisava “discursos” e fiz das velhas bancadas da oficina Dias, repleta de tornos, de tarrachas, de talhadeiras e de martelos, a minha primeira tribuna. O auditório, formado por aprendizes, ajudantes, oficiais e até mestres, gozava, imensamente com os meus “discursos”. Os assistentes, entusiasmados, pediam “bis” e o “orador” se não fazia rogar.

Foi aí nesse ambiente, entre o ruído sêco do eixo de transmissão, o chicotear incessante das correias, o “ta-cá-ta-cá-ta-cá” mecânico dos motores, a chuva de fogo da pedra grande do esmeril, o matracar impressionante das engrenagens, o vai-vem metódico das plainas mecânicas, o forno enorme da fundição, o fogaréu das forjas, o “paco-paco” do martelete, o retinir da bigorna e todo aquele orquestral enervante da velha e saudosa oficina Dias, foi aí, nessa Catedral suntuosa de Trabalho, de Honra e de Nobreza que eu falei pela vez primeira, aos meus irmãos de luta, como se pudesse, na inconsciência e na confusão do meu linguajar, dizer a êles da grandeza do seu valor, da magnitude da sua causa, do esplendor dos seus destinos, do horror da sua condição econômica e moral e da aurora esplendente do seu 13 de Maio.

Êles não me compreendiam... nem eu tão pouco, vibravam porém comigo, nos meus “arroubos de eloquência”, divisando nêles, quem sabe, aquele lastro de tendências bio-psíquicas, de que nos fala Djacir Menezes, que cada indivíduo, ao nascer tem armazenado no seu patrimônio biológico e que serão os alicerces da personalidade, patrimônio comum da espécie, acrescidos das variações peculiares à raça, à sociedade e à família, fixados hereditariamente pela experiência ancestral.

E fui crescendo, e fui pensando, e fui me “exercitando”. Transporteí a tribuna para as ruas. Ensaiei os

primeiros discursos “de verdade”, enfrentando autênticas multidões, como orador dêstes movimentos carnavalescos que alguém chamou, na minha terra, “alma das ruas” — o cordão.

Eu mesmo não posso explicar como isso acontecia. A princípio um pouco tímido e depois perfeitamente identificado com o povo me era um bem dirigir-lhe a palavra, e nos bailes e nas sessões solenes e na entrega de troféus conquistados nas pugnas carnavalescas era sempre a mim que se dava a incumbência de discursar. Nos salões, nos teatros e nas praças públicas eu me sentia envôlto nas explosões de simpatia e de admiração da gente boa do meu Rio-Grande. Mas eu não estudava. A minha instrução continuava sendo aquela rudimentar, adquirida nas escolas primárias, por que eu passara. E como a-pesar-da pobreza dos meus dotes intelectuais, eu tantas vezes ocupava a tribuna, que me era oferecida e cumpria, a contento, a missão que me confiavam, repito que não sei explicar, a não ser com as palavras de José Ingenieros quando afirmou que “nada se deve esperar dos homens que entram na vida sem se entusiasmarem por algum ideal; aos que nunca foram jovens, parece desvairado todo o sonho. E não se nasce jovem: é preciso adquirir a juventude. E, sem ideal não é possível adquirí-la”. Eu tinha um ideal, portanto êle me impulsionava. Eu adquiri juventude lutando pela grandeza daqueles a quem os preconceitos sociais reduziam à condição de inferioridade. O ideal substituía a cultura.

E por dez anos fui orador oficial de um cordão. Mas não era o carnaval, pròpriamente dito, o motivo das minhas atividades ali, e tôdas as vezes que eu me fazia ouvir nas suas festividades, um ideal superior e uma inspiração mais nobre eu deixava transparecer através das minhas palavras, — o soerguimento moral e cultural da minha raça, da minha sociedade e, conseqüentemente da minha família, para que o negro, engrandecido pela Instrução glorificasse, ainda e mais, o Brasil, imortalizan-

do em surtos agigantados e de forma concreta, a obra soberba, humana e cristã de Patrocínio e de tôda a pléiade ilustre de batalhadores leais pela extinção do cativo no Brasil.

Familiarizei-me com o “povo da minha terra”. Fiz política partidária como orador de um centro-operário, político. A imprensa do lugar, notadamente “O Eco do Sul”, bondosamente me estimulava chamando-me “jovem tribuno”.

Eu não tinha estudos. Preenchendo porém essa lacuna, sobrava em mim o desejo de lutar pela minha raça e pela minha classe, ambas escravas a-pesar-da revoltante exploração em tôrno da mentirosa afirmação — LIBERDADE, IGUALDADE E FRATERNIDADE.

Ingressei numa sociedade cívico-religiosa e, lá também, me fizeram orador, Deus e Pátria é o seu lema, belo e expressivo.

Aí firmei melhor as minhas convicções de civismo, de fé e de patriotismo e foi transbordante de amor a Deus e de veneração pela Pátria, que eu entrei, decidido, nesse movimento empolgante em que se agitam hoje todos os povos.

Questão social para uns, questão trabalhista para outros, aquí questão de classe, alí questão econômica, porém para mim, antes de tudo e acima de tudo, — questão de amor, questão de puro cristianismo.

Veio a revolução de 30, e com ela a madrugada risinha do grande dia do proletariado brasileiro. Uma vasta legislação trabalhista surgiu assinalando o início de uma nova era. Com o entusiasmo do momento e a expressão da lei, desenvolveu-se em todo o País um intenso movimento pró-sindicalização.

Formei entre os primeiros que tomaram a si a incumbência de organizar o operário, no Rio-Grande. Era a ampliação do meu ideal.

— 16 —

Organizei a minha classe, fundando ali o Sindicato dos Operários Metalúrgicos. Fui seu primeiro Presidente e mais tarde seu Secretário-Geral.

Com outros companheiros dedicados fundei a Frente Sindicalista Rio-Grandense, entidade que reunia a totalidade dos Sindicatos do Rio-Grande e da qual também fui Secretário-Geral. É com a mais grata impressão que eu recordo essas atividades. Não havia em mim a “basófia” do prestígio nem da liderança, eu era, apenas um soldado, colocando a minha mocidade e as minhas energias a serviço de uma causa nobre.

Em 1932, em companhia do presidente do Sindicato dos Estivadores, João Batista de Paula Ramos, fui cumprir a minha primeira missão trabalhista, fora do meu Estado. Como representantes expressos do trabalhador rio-grandino, fomos à Capital do País, levar aos altos poderes da Nação os anseios e tôdas as esperanças em melhores dias dos nossos companheiros e pedir a consolidação do Direito Novo, na implantação almejada do princípio de Justiça.

Voltei ao Rio-Grande, deixando no Rio inúmeras amizades em diferentes setores. Entre elas, a que mantenho com lealdade até hoje, com o então Ministro do Trabalho Dr. Salgado Filho. Em 1933 fui nomeado fiscal do trabalho e após quatro meses de exercício do cargo, por motivos imperiosos solicitei demissão do mesmo ao Ministério do Trabalho. Em 1934, como delegado-eleitor do Sindicato dos Metalúrgicos fui, pela segunda vez ao Rio-de-Janeiro, tomar parte nas eleições classistas federais e representar o meu Sindicato no primeiro Congresso dos Metalúrgicos do Brasil, reunido então na Capital Federal, no qual apresentei e defendi a tese “A execução das leis sociais no Rio-Grande-do-Sul”.

Regressei ao “chão”. Inteiramente integrado no movimento, continuei dando a êle o tudo de que eu dispunha — boa vontade e pureza de intenções.

— 17 —

Em 1935, outra vez eleito delegado-eleitor (o que muito me sensibilizou pela expressão que essa re-eleição encerrava, da confiança que em mim depositavam os meus companheiros) vim a Pôrto-Alegre, para as primeiras eleições classistas estaduais.

Após um pleito renhido e ponteadado de episódios interessantes, todos os demais delegados-eleitores do grupo da Industria, regressaram para as suas sedes e para as suas ocupações, todos menos eu.

Não pude regressar ao Rio-Grande nem voltar à oficina. A urna, na majestade expressiva da sua mudez, me fêz Deputado de classe.

Fui eleito.

E a velha bancada da antiga oficina Dias, para mim transformou-se como que por encanto, na mais alta tribuna do Estado — o Parlamento.

Daí para cá, melhor do que eu o próprio Rio-Grande-do-Sul trabalhista poderá falar de mim.

E o tem feito através dos aplausos e dos ataques que eu tenho merecido, pois como homem público passei a ter vida pública.

Diga-se porém de passagem, se eu não tenho honrado a minha cadeira de Deputado, com a cultura, a ilustração e os conhecimentos que se faziam mister, tão pouco a deshonrei com ausência de lealdade nem com esquecimento do dever a cumprir.

Inteiraente a serviço da causa operária, no exercício de um mandato que eu aceitei em função do bem da minha classe, eu procurei estender a todos os departamentos da assistência à proletária gente, tôda a expressão da minha modesta, porém sincera cooperação.

E o Sindicato, fôrça é dizê-lo, não abrange a generalidade da assistência ao trabalhador e, afora os mais numerosos e porisso mesmo, mais favorecidos pelo fator-finanças, os Sindicatos defendem apenas os operários no campo econômico, garantindo-lhes o respeito às oito horas de trabalho, às férias regulamentares, à estabilida-

de no emprêgo etc. etc. E' o homem-operário a sua única preocupação, ao passo que o operário-homem não tem e não pode ter, por razões várias, uma assistência médica, dentária, hospitalar, cultural, espiritual, numa palavra, a completa e exata assistência social.

E pensando assim foi que eu ingressei, também, neste outro movimento soberbo em prol das classes trabalhistas, movimento empolgante que muitos, ainda, não compreenderam, combatem e lhe dificultam os passos, porém que ninguém lhe poderá negar a grandiosa significação que êle representa para o trabalhador. Movimento de realizações agigantadas e de construções esplendentes, êle é bem o complemento do Sindicalismo entre nós. Movimento que se alevantou sôbre a égide sublime — “Odiar o êrro e amar os que erram”, que se vem firmando sob o influxo benfazejo da nobilitante sentença — “O ódio destrói, só o amor constrói para a eternidade” e que se há de perpetuar na expressão do seu lábaro “O trabalho cada vez mais dominante, a natureza cada vez mais dominada e o capital cada vez mais proporcionado. Movimento, hoje, já nacional que são os Círculos Operários.

Seu idealizador, organizador e animador é essa figura invulgar de apóstolo do Bem, o P. Leopoldo Brentano S. J., homem que fêz de tôda a sua vida uma fonte exuberante de trabalho, de renúncias e de sacrifícios em benefício daqueles a quem êle ama por amor a Deus — os operários.

Aí estão, atestando a veracidade das minhas afirmativas, as creches, as farmácias, os armazéns, as caixas de pecúlios, os gabinetes dentários, as escolas, as vilas operárias, os abrigos de menores abandonados e desamparados, as fundações de Sindicatos de classe e todo êsse manancial de realizações espalhado pelos inúmeros Círculos Operários, existentes no Rio-Grande-do-Sul e fora dêle, atraindo as bênçãos de Deus e os aplausos dos homens de boa vontade. Com a representação circulista eu fui

ao segundo Congresso Eucarístico Nacional, em Belo Horizonte, no qual, afora as sessões de estudo, dos operários, tomei parte na última pública e solene sessão, realizada na Praça Raul Soares, onde falei ao maior auditório de todos quantos, bondosamente, me tem ouvido, pois ali estavam reunidas cêrca de duzentas mil pessoas.

Mas, dirão por certo aqueles que me lêem, que relação existe entre essa auto-biografia que atraz se encontra e a maneira com que será recebido êsse livro?

E eu me apresso em responder, dizendo-lhes que, do conhecimento das minhas dificuldades financeiras, da pobreza da minha procedência, do “quase nada” que eu passei na escola, da minha infância desenvolvida dentro da oficina, da absorvição de todo o meu tempo de folga pelas atividades sociais e de tôdas as circunstâncias que envolveram a minha vida até o presente momento, êles poderão, e com facilidade, chegar à seguinte conclusão: primeiro — que no terreno cultural eu fui até onde o permitiram os meus parcos e humanos recursos. Segundo: que a minha apresentação em público, impondo às multidões o “castigo” de me ouvir, não foi produto de vaidade, de loucas pretensões nem da absurda idéia de que, realmente eu fôsse um orador consumado, nada disso, e sim que eu faço discursos forçado pelas circunstâncias, que eu tenho auditório porque falo com a alma na bôca, e que eu bem reconheço que, em mim não é a cultura que se aplaude e se consagra, é sim o coração, e a sinceridade nos designios, que se reconhece, se aceita e se proclama.

Daí a minha coragem, para reunir neste livro os meus discursos e lançá-los, assim enfeixados, aos azares da publicidade, daí a confortadora certeza que me anima, da benevolência em que a crítica o envolverá.

Entre aqueles a quem dedico êste livro, está o Centro Cultural Marcílio Dias. E' uma entidade que eu fundei no meu Rio-Grande, com um grupo de dedicados amigos, e que tem como finalidade única, o combate ao analfabetismo. Mais de uma centena de crianças pobres e algu-

— 20 —

mas dezenas de adultos, se banham ali nos esplendores da Instrução. E' o tributo mais sincero da minha amizade e do meu entusiasmo, do meu idealismo e da minha lealdade, procurando envolver aqueles que serão o prolongamento da raça e da classe por amor de quem em função da grandeza do Brasil audaciosamente, me tornei orador.

Pôrto-Alegre, Março de 1937.

CARLOS SANTOS